

A CULTURA NA SALA DE AULA E A INTERDISCIPLINARIDADE

Maria Neusa Gomes de Souza*
Jucimara Rojas**

Resumo: Este artigo resultou de reflexões que a pesquisa de doutorado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, iniciada em 2008, em andamento gerou. Intitulada *A cultura regional na metodologia do professor uma interdisciplinaridade?* Acreditamos que é imprescindível que as novas gerações conheçam elementos da cultura regional na escola de forma interdisciplinar. Duas análises nortearam a escrita deste texto, a primeira referente à reflexão sobre o que é *cultura*, alguns conceitos de cultura e questões sobre a civilização na atualidade; o outro ponto é a *interdisciplinaridade* como atitude em sala de aula, sobre esta possibilidade inovadora de mostrar caminhos de ação, no contexto regional. Temos como referenciais, Hall, Burke, Huntington, Chauí, Fazenda, entre outros.

Palavras Chave: Cultura. Interdisciplinaridade. Ensino.

INTERDISCIPLINE AND CULTURE IN THE CLASSROOM

Abstract: This paper resulted from discussions that the research for a doctorate at the federal University of Mato Grosso do Sul, which began in 2008 is still ongoing, entitled: "The Approach of Interdisciplinary Teaching in the Local Culture". We believe that it is essential that the new generation of teachers know and understand the elements of regional culture in the local schools in an interdisciplinary environment. Two different analyses provided direction for the writing of this text; the first concerns reflection about what the culture is, along. The other point is the interdisciplinary approach in the classroom about the new possibility to show methods of action in the local context. I have referenced Hall, Burke, Huntington, Chauí, Fazenda, among others.

Keywords: Culture, Interdisciplinary, School.

Introdução

Este artigo é fruto de reflexões que o curso e a pesquisa de doutorado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul gerou. Curso iniciado em 2008 e em andamento. A pesquisa intitulada: *A cultura regional na metodologia do professor uma interdisciplinaridade?* tem como objetivo analisar, por meio da metodologia do professor, se a cultura regional transmitida se manifesta de forma interdisciplinar. Duas análises nortearam a escrita deste texto, a primeira referente à reflexão sobre o que é *cultura*, alguns conceitos de cultura e questões sobre civilização hoje no mundo; o outro ponto é a *interdisciplinaridade* como atitude em sala de aula, sobre esta possibilidade inovadora de mostrar caminhos de ação, no contexto regional.

Neste artigo, por meio dos conceitos e reflexões referentes às questões da cultura e da interdisciplinaridade, pretendemos em nosso posicionamento defender a ideia de que o ensino tradicional precisa ganhar novo fôlego, ânimo e inovar. Acreditamos que isto é possível primeiro pela incorporação de elementos da cultura cotidiana local em aliança aos conteúdos formais; segundo com a vivência da interdisciplinaridade como uma nova visão e nova atitude. Assim alcançar resultados positivos e gratificantes em sala de aula para professores e alunos.

Nosso despertar para o tema cultura se deu pelo fato de que, na cidade de Coxim/MS, existe uma diversidade de manifestações culturais; de histórias; de fenômenos; de feitos e avanços. Então nos questionamos se essa riqueza cultural pode ser caminho de aprendizagem em sala de aula.

Em nosso dia a dia em Coxim/MS nos deparamos com a arte estampada nas áreas públicas, nos muros da cidade, como no caso das escolas, pinturas das reproduções das obras de artistas plásticos de renome, executada pelos alunos e até em árvores lendárias no expressar da própria natureza. Há muitos anos existe um projeto *Poesia na Escola*, desenvolvido pela rede municipal, um concurso estimulando a produção poética dos alunos. Nas paredes das casas ribeirinhas do rio Taquari, pinta-se todo ano o mapa da rota Monçoeira e Bandeirante que passou por Coxim. Existem um marco da guerra do Paraguai na praça, e várias influências da história, da literatura, dos índios kadiwéus, e músicas e artes, e objetos antigos e pantaneiros, que nos circundam, pouco transmitidos e trabalhados no meio educativo.

Na cidade existem três museus, isto mostra a preocupação com a memória e valores regionais e locais. O primeiro, o Parque Temático com esculturas em tamanho natural da representação de algumas lendas, conta com o acervo de objetos antigos e de artes e ainda uma biblioteca. O segundo é o Museu Arqueológico, com fotos, documentos, cerâmicas indígenas, e objetos antigos. No terceiro, temos o Centro de documentação e Memorial Henrique Spengler, que abrigam em sua maioria livros de história regional, artes plásticas, objetos pantaneiros, utensílios antigos, jornais e documentos variados. Este pertence à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul ao Campus de Coxim, aos cuidados do departamento de história. O Centro de Documentação funciona em uma construção de mais de meio século de existência.

Na verdade as barreiras culturais caracterizam cada grupo regional com bastante diversidade. Mato Grosso do Sul é vizinho de cinco estados: Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso, São Paulo e dois países da América Latina: Paraguai e Bolívia. Imagine tamanha influência na formação cultural de uma população.

Afirmamos a importância da língua e da cultura na formação de um povo para a unificação de um país como nação. Elementos como a história, a religião, a língua e a cultura; aliados ao sentimento de unidade e pertencimento a um lugar, com os valores e comportamento, pensamentos e costumes dos mais simples compõem nossas características.

Uma região pode ser conceituada por sua área geográfica, histórica, cultural etc. neste caso o olhar é sobre o aspecto cultural, observamos que as regiões brasileiras não existem somente pela cartografia dos mapas e nem são delimitadas por muros de concreto, mas por uma linha territorial imaginária, formada pela complexa cultura do povo, respeitada por todos separando grupos diferentes.

Portanto, não podemos ignorar o universo desta cultura. Assim, a nossa inquietação aumenta como professora e pesquisadora da educação e, também por perceber que a metodologia e o processo de ensino-aprendizagem em suas múltiplas linguagens vêm facilitar tal compreensão, podendo ser uma cultura possível, desses sujeitos que habitam tal contexto. Acreditamos no envolvimento do professor no processo de aquisição de tal cultura na interação e socialização em sala de aula, como atitude interdisciplinar de fazer do conhecimento um momento de aprendizagem.

Que cultura é esta que se apresenta como possibilidade de elaboração nas Ciências Humanas? Para responder a esta pergunta é preciso enxergar o momento crítico que o mundo vive hoje. O pós-modernismo é o que vivemos na atualidade, e debates emergem sobre esse momento pós-crise das mega teorias que explicavam o mundo em que vivemos e já não dão conta mais, estamos no mundo em constantes transformações, com a aceleração dos acontecimentos que se tornam história, com a globalização nos costumes e ideologias, com a rapidez das informações nos avanços tecnológicos-celulares, Internet, Televisão, rádio etc. Pós-modernidade não é um movimento unificado, com membros de ideologias de esquerda ou direita nem centro. As ciências humanas vivem uma crise, uma reavaliação em suas teorias para o avanço em se ajustarem nas reviravoltas amplas do campo socioeconômico, político e cultural. Isto gerou uma abertura a valorização da subjetividade, a busca do sentido e significado das experiências.

Podemos considerar alguns autores pós-modernos como: Lyotard, Burke, Certeau, Foucault, Chartier, H.White, Hall, Deleuze, Derrida, Merleau-Ponty, Ricoeur, Fazenda, Gusdorf, Martins; devido à visão de ruptura com as teorias estabelecidas, a visão da heterogeneidade, a observação dos desvios, das divergências, a visão do particular e não do global, a ênfase nas novas práticas, as mudanças e a abertura de possibilidades, geraram avanços neste patamar.

Cultura

Precisamos compreender sobre cultura, **Cultura** é uma palavra de origem *latina*, **colere** com sentido de cultivar, cuidar segundo Chauí (2004). No decorrer do tempo o sentido foi se alterando. A partir d séc. XVIII que a palavra cultura muda o sentido para resultado e consequência da educação dos seres humanos, associada à imagem de civilização que vem da palavra latina **civis**, ou seja, cidadão. Nas Ciências Humanas é considerada como desenvolvimento intelectual e civilização, logo como aprendizagem.

Em uma primeira interpretação podemos dizer que para os cientistas sociais a cultura significa um sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade como em Geertz (1989) e Elias (1990); na Antropologia é considerado o estado ou estágio do desenvolvimento cultural de um povo ou período, caracterizado pelo conjunto das obras, instalações e objetos criados pelo homem desse povo ou período e conteúdo social afirma Strauss (1955); na Arqueologia um conjunto de remanescentes recorrentes, como artefatos, tipos de casas, métodos de sepultamento e outros testemunhos de um modo de vida que diferenciam um grupo de sítios arqueológicos como assevera Prous (2003); e na Filosofia um conjunto de conhecimentos e práticas aprendidos e ensinados, por contraste com o que é inato. Por exemplo, se um pássaro não tem de aprender a fazer o ninho, fazendo-o instintivamente, então esse ninho não é um produto cultural; mas se tiver de ser ensinado a fazê-lo, então esse ninho é um produto cultural segundo Chauí (2004).

Na perspectiva dos historiadores o estudo se foca mais no estudo da história da civilização como um todo; os acontecimentos, não só os grandes feitos, mas a história dos vencidos, as ideias de cada período, englobando hoje na história nova a perspectiva do cotidiano, do ambiente, das vestes, da infância, enfim do tempo presente. Observamos então, que há transformações geradas, para compreender os desdobramentos da ação humana no processo histórico, por meio dos fenômenos até o presente e que a cultura na educação pode englobar uma série de conhecimentos, ideias, formas de ser e viver, de se expressar e aprender, conforme Burke (1990).

Para os pensadores alemães o termo *Kultur* diferencia-se de civilização, a primeira seria relativa à razão e espiritualidade e a segunda as conquistas materiais. Cultura e civilização são temáticas mais pesquisadas no campo da sociologia, história e antropologia; mas a análise dos fenômenos culturais algum tempo atrás desfrutava de um prestígio “menor” no campo intelectual.

Alguns autores propuseram a existência de uma Teoria da Cultura, matriz abrangente capaz de abarcar as expressões de todas as sociedades humanas: *cultura* significaria nesse caso uma totalidade que abrangeria dos artefatos materiais ao universo simbólico. Para o que nos interessam, dois aspectos são importantes: cultura popular e questão nacional. Como demonstra Peter Burke (1990) o conceito de cultura popular nasce na virada do século XVIII com o romantismo alemão. Os intelectuais querem recuperar um conhecimento tradicional, diluído no tempo, um patrimônio ancestral marca de uma cultura nacional.

Conforme Ortiz (2002) na América Latina, o interesse pela cultura popular é semelhante ao que ocorre nos países periféricos europeus. A modernidade, ou seja, sua realização “incompleta” implica o oposto, a riqueza das tradições populares é vista como um entrave à modernização

pelas elites dominantes. Já nos Estados Unidos, o que se entende por cultura popular praticamente se identifica ao de “cultura de massa”, isto é, aos bens culturais produzidos industrialmente. O autor analisa a constituição histórica da cultura como objeto nas ciências sociais, em termos de cultura popular, cultura nacional e cultura de massa. Apresenta o conceito de cultura popular no séc.XVIII, e os estudos ligados ao folclore menos valorizados no período aparecem timidamente no séc.XIX, segundo Burke (1990).

O autor compara os processos de institucionalização da sociologia segundo seus diferentes contextos nacionais ou regionais, abordando os modos como a disciplina torna-se autônoma por meio da especialização de tarefas em concorrência com outras disciplinas. Faz uma retomada da unidade interpretativa e uma revisão conceitual para a abordagem dos “objetos globais” são definidos como os principais desafios para a sociologia na atualidade. Traz reflexões a respeito do conceito de cultura, civilização e arte, mostrando os diferentes olhares sobre a cultura do ponto de vista das disciplinas, história, filosofia, educação, sociologia, antropologia etc. Mostra uma dicotomia cunhada pelos pensadores alemães sobre a *Kultur* versus civilização. A *Kultur* corresponderia à esfera mais “elevada” da razão e do espírito; nela o indivíduo, o “ser humano”, se realizaria por inteiro afirma Elias (1990). Caberia à civilização contentar-se com o lado material, industrial, técnico, portanto, “menor” das sociedades modernas. Com o culturalismo norte-americano, um passo a mais é dado, pois alguns autores irão propor a existência de uma Teoria da Cultura, matriz abrangente capaz de abarcar as expressões de todas as sociedades humanas. *Cultura* significaria nesse caso uma totalidade que abrangeria dos artefatos materiais aos universos simbólicos. Entretanto, malgrado essa ambição teórica, nunca concretizada.

No caso da América Latina, o interesse pela cultura popular é semelhante ao que ocorre nos países periféricos europeus. A ausência da modernidade, ou seja, sua realização “incompleta”, implica o corolário oposto, a riqueza das tradições populares, e ocorre um olhar discriminatório com relação a estes estudos. No Japão a autenticidade ou não da cultura nacional, sua descaracterização pelo contato com a modernidade “ocidental”, a capacidade do país em atuar, selecionando e digerindo o que viria de “fora”, do “estrangeiro” é uma preocupação e um cuidado oriental. Para encerrar lembramos que a tradição marxista, que por muito tempo se consolidou como referencial teórico nas pesquisas das Ciências humanas e sociais analisa as questões culturais com a “superestrutura”, enquanto reflexo, ou não, da “infra-estrutura”, e sempre designou às manifestações culturais uma posição secundária.

Na Europa, particularmente na França, os estudos sobre a cultura de massa surgem com o livro de Edgar Morin, *L'esprit du temps*, em 1962, ainda nos anos 60, Morin e Barthes fundam o *Centre d'Étude de Communication de Masse* com a revista *Communication*. É do mesmo período o *Centre for Contemporary Cultural Studies* em Birmingham, cuja presença será importante na futura criação dos Estudos Culturais.

Datam também desse período, nos anos de 1960 a criação das faculdades de comunicação, espaço que se especializa nos estudos sobre as indústrias culturais. O tema, cultura de massas, corresponde a uma reorganização profunda do campo cultural. Cabe lembrar que nenhuma sociedade, antes do século XX, conheceu um tipo de instituição semelhante, na qual a organização da cultura encontra-se separada da vida daqueles que a utilizam.

Os Estudos Culturais originários da Inglaterra e dos Estados Unidos apóiam os trabalhos interdisciplinares, e questionam a existência das fronteiras disciplinares. Diante do enrijecimento do conhecimento disciplinar, propõe-se uma abertura intelectual, interdisciplinar o que parece salutar.

M. Costa, R. Silveira e L. Sommer (2003) questionam *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Esta frase e outras similares intitulam, no Brasil e em muitos países, alguns livros e artigos cujo objetivo tem sido definir os contornos da movimentação intelectual que surge no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, nos meados do século XX, provocando uma grande reviravolta na teoria cultural. Se continuarmos a percorrer as publicações, perceberemos, entre os textos mais disseminados, que as preocupações se concentram em problematizações da cultura, agora entendida em um espectro mais amplo de possibilidades no qual despontam os domínios do popular. *Cultura* transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivada, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade *techno* contemporânea. O projeto inicial dos Estudos Culturais britânicos foi um projeto de pensar as implicações da extensão do termo ‘cultura’ para que incluía atividades e significados das pessoas comuns, Esses coletivos excluídos da participação na cultura quando era a definição elitista que a governava. Os Estudos Culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações sempre foram acompanhados de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante no meio científico.

As contribuições de importantes pensadores sociais dos meados do século XX, como Louis Althusser e Antonio Gramsci, juntamente com as análises culturais de Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall, ligados às movimentações iniciais da Nova Esquerda, ajudaram a forjar a primeira linhagem de análises culturais contemporâneas identificadas como *Cultural Studies*.

Indispensável é discernirmos civilização de cultura, ainda que haja um entrelaçamento: para o cientista político Huntington (2000), em sua

obra *O choque entre as civilizações*, uma civilização é a representação mais forte de uma cultura (Ex.: Chineses); as identidades culturais das civilizações direcionam a coesão e conflito no mundo moderno entre os países. Após a Guerra Fria as distinções não são ideológicas políticas ou econômicas, mas culturais. A pergunta: Quem somos? As pessoas se definem em termos de antepassados, religião, idioma, história, costumes, e se identificam como grupos culturais. A política mundial se reconfigura e os conflitos mais perigosos se darão entre os povos com diferenças culturais extremadas. Esses conflitos já estão acontecendo e aumentando na África, Ásia, leste europeu. Em termos políticos só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e contra quem estamos. As afinidades culturais cooperam nas relações políticas e econômicas e o inverso prejudica as mesmas.

Afirma tal autor que o momento é das pessoas se auto-afirmarem em suas identidades, devido às mudanças aceleradas em todas as áreas das experiências humanas, procuram então raízes ou ligações para a defesa do desconhecido, do momento novo em que vivem. Nunca a população do mundo buscou tanto suas raízes no passado como agora, na religião dos antepassados, na história das famílias; nas marcas deixadas pelo tempo; na natureza etc.

O caso da Austrália: é um país de colonização inglesa, localizada no oriente e recebeu cultura ocidental. Nos anos 90 os líderes políticos resolvem se afastar do ocidente e se redefinir como sociedade asiática e adotar a cultura oriental. O primeiro Ministro Keating afirmou que era para estabelecer a identidade do país como independente. O que ocorreu?

Acreditavam que a economia se sobrepunha à cultura e o impulso era então a economia da Ásia Oriental a qual participavam em 1993 como uma grande rede nas importações e exportações do país mais do que com o ocidente. As elites discordavam dessa guinada para o oriente e a opinião pública estava indecisa.

Quando um político defendia a união com a Ásia recebia mil cartas de ódio manifesto da população contrária. Outro problema era que as elites asiáticas eram pouco receptivas à ideia da união. Os Indonésios consideraram improvável ou impossível o país se tornar asiático (costumes, ideias etc.). Os Tailandeses tinham uma "tolerância perplexa". O primeiro ministro da Malásia disse "culturalmente a Austrália é europeia e não é compatível com o grupo". Em resumo excluíram do grupo porque não aceitaram as diferenças deles. Se observarmos bem, realmente predomina no Australiano os valores da democracia, direitos humanos, liberdade de imprensa, protestos, coisas que no oriente, seus vizinhos, são violadas. Um diplomata afirmou que não acreditava que os australianos fossem abrir mão desses valores para ser aceito na região, nem mudar comportamento, caráter e estilo de vida para ser aceito. O próprio Ministro Keating com sua franqueza e atitude direta chocou os asiáticos que são mais reservados, sutis, e criou-se um país dividido. A saída seria o país se alinhar com EUA, Canadá e Nova Zelândia,

conciliando cultura e economia para uma identidade sólida e duradoura. A questão ainda não teve solução.

O caso do México: enquanto os dirigentes da Austrália buscam se incorporar ao Oriente a despeito da população, o México força sua entrada na sociedade como país norte-americano e não latino-americano, desde a década de 80, através do presidente Salinas, com apoio das elites políticas e do povo; mas rejeitados e discriminados como não europeus e não americanos pela descendência indígena apesar da influência ocidental hispânica. Os EUA rejeitam este estreitamento com o México. As tentativas de redefinição cultural não têm tido sucesso, as culturas de cada lugar têm uma força, uma capacidade de resistência, renovação e absorção, por isso o que sempre tem acontecido é um país dividido com tentativas fracassadas.

Os casos são exemplos que nos fazem pensar sobre nós, nossa civilização, identidade, cultura e tradição. Os estudos culturais no campo das ciências humanas se voltaram para temáticas inovadoras e novas fontes. Assim, foi preciso inovar nas metodologias, nas técnicas, nas formas de abordagens e procedimentos. Ocorrem avanços dos estudos interdisciplinares, estudos sobre gênero – feminino e masculino –, sobre a sexualidade, sobre as várias formas de arte, música, literatura, artes plásticas, não como críticos de arte, mas analisando as obras em suas percepções e efeitos de sentidos. Ainda estudos sobre a infância, os alimentos, os camponeses, o cotidiano, as religiões, utilizam os recursos inovadores como a análise dos discursos, a desconstrução dos textos, o giro lingüístico, as análises fenomenológicas etc.

Segundo Hall (1997, p. 25) a cultura sempre foi importante e os seres humanos são seres interpretativos e intuitivos. A ação social é significativa para todos em razão dos momentos diversos os quais utilizam para codificar, regular e organizar, decodificar suas condutas uns em relação aos outros. As ciências humanas nem sempre deram à cultura a centralidade substantiva que ela merece. O que tem ocorrido agora com a chamada "*virada cultural*" a nova reconfiguração de elementos nas análises, com ênfase às múltiplas linguagens culturais.

Em sua obra *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Hall (1997) aponta uma crise como consequência do deslocamento ou descentralização do sujeito na mobilidade estrutural, o que acarreta o surgimento da identidade universal. A modernidade provoca rupturas ocorrendo à fragmentação da identidade tradicional para uma identidade carregada de hibridismo. A maior característica desta identidade universal é o deslocamento das características antigas estabelecidas para a mobilidade e pluralidade simbólica cultural. Aparece então a amplitude simbólica que ultrapassa os limites geopolíticos das regiões e nações. Fica claro a tentativa do indivíduo para a assimilação do universal para sentir-se aceito, cidadão do mundo.

No mundo contemporâneo ocorre à busca de uma identificação global. As pessoas com a globalização querem se sentir incluído no meio

social; com a internet também os jovens desejam se sentir parte deste mundo moderno. Este período que vivemos causa rupturas nas identidades tradicionais provocando a fragmentação e o hibridismo. Atualmente pensar a diferença tem sido ponto atualíssimo no mundo, preconceitos são abolidos e a convivência é fundamental em um mundo em conflito.

Destarte a cultura possibilita a partir deste entendimento a explicação em si mesma, oferecendo reflexões parciais das razões do por que as pessoas pensam e se expressam em comportamentos específicos. O conhecimento da cultura num contexto gera um encontro com identidades múltiplas.

A prática docente guarda estrita correspondência com a cultura na qual ela se organiza, de modo que ao analisarmos uma determinada situação, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como também de que maneira aquela cultura prioriza alguns temas em detrimento de outros, isto é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores.

Cabe ressaltar a quase inexistência de pesquisas que possam discutir a influência cultural na formação educacional no estado de Mato Grosso do Sul. Acreditamos que a influência das artes são constituidoras de sujeitos e a realidade de Coxim permite que possamos refletir sobre essa absorção, capacidade de resistência, renovação e novas possibilidades criativas.

Interdisciplinaridade

A cultura interdisciplinar precisa ser assimilada com prazer cada vez maior e definitivamente implantada para a superação e renovação da prática educativa escolar, segundo Fazenda (2002) com seu leque de possibilidades subjetivas, criativas, afetivas, na ação objetiva, para a formação cultural do sujeito.

Ivani Fazenda (2001) é a pioneira nos estudos interdisciplinares no Brasil, autora de várias obras. As primeiras pesquisas revelaram professores bloqueados nas suas criações, robotizados nas tarefas cotidianas, desapontados e alienados. A interdisciplinaridade, como tudo que é inovador, indica nova postura e transformações nas práticas docentes. Em vista disso a busca de novas alternativas e a conquista de uma nova atitude, nova visão, nova reflexão sobre a existência.

Fazenda (1995) partiu da necessidade do professor trazer o conhecimento vivenciado, não só refletido, mas percebido e sentido. Gestando estas ideias, o sujeito na perspectiva interdisciplinar duvida das teorias postas e inquestionáveis, compreendendo como incompletas para as práticas cotidianas e existenciais. Parte-se para a busca da *marca registrada*, pessoal, na práxis. Esta marca registrada passa pela subjetividade, pela metáfora interior.

A pesquisa interdisciplinar tem sido orientada pela recuperação das histórias de vida, a utilização dos recursos da hermenêutica, o uso das

metáforas, a importância atribuída à subjetividade e a dimensão simbólica.

Para Alves (2003) é imprescindível compreender a riqueza da cultura, a diversidade e a complexidade no cotidiano. Nos estudos desenvolvidos no cotidiano sobre a cultura pensada na sala de aula, cultura presente nas múltiplas linguagens, ideologias e objetos, a autora busca analisar, explicar e compreender os modos como estas expressões culturais estão sendo refletidas e apreendidas em cada sujeito, através das diversas redes cotidianas em que o mesmo está enredado, no caso, na escola.

Para compreendermos melhor a questão é importante saber dos *Usos cotidianos* em Certeau (1994), os estudos são originários dos Estados Unidos, relaciona-se ao referencial teórico-epistemológico de Gramsci e dos filósofos da chamada Escola de Frankfurt, em especial de Habermas. Para essa tendência, introduzir a dimensão cotidiana nos estudos de currículo era necessário para a compreensão da escola e das relações que mantinha com a realidade social mais ampla. Metodologicamente, seus pesquisadores entendiam ser indispensável, sobretudo, a participação ativa dos sujeitos, através de reuniões organizadas com essa finalidade, em um processo que foi chamado de *pesquisa participante*. Os estudos desenvolvidos têm, por essa característica, uma forte relação com os movimentos sociais organizados também em torno dessa metodologia, em especial aqueles cuja base estava/está no pensamento de Paulo Freire. Com os estudos de Stenhouse em 1991, na Inglaterra, que desenvolve a ideia de *professor-pesquisador*, e de seus seguidores, como Elliot, percebeu-se a partir de então a compreensão das diferenças culturais existentes na escola e em nossa sociedade. Ao serem introduzidos no Brasil autores relacionados aos *Estudos Culturais*, e com a criação de grupos de pesquisa em torno de questões enfrentadas dentro deles, foi possível a ampliação dos trabalhos no/do cotidiano, através da compreensão das relações que mantêm entre si os múltiplos cotidianos em que cada um vive, em especial considerando os artefatos culturais com os quais os praticantes desses cotidianos tecem essas relações.

Foucault nos indica, ao assumir que “a história ‘efetiva’ faz ressurgir o ‘acontecimento’ no que tem de único e de agudo”, o que entende por “acontecimento”:

O acontecimento é preciso entendê-lo não como uma decisão, um tratado, um reinado ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado um vocabulário retomado e voltado para seus usuários, uma dominação que se debilita, se distende se envenena a si mesma, e outra que entra mascarada. As forças em jogo na história não obedecem, nem a um destino nem a uma mecânica, mas efetivamente ao acaso da luta, elas não se manifestam como as forças sucessivas de uma intenção primordial; tão pouco assume o aspecto de um resultado. Aparecem sempre no aleatório singular dos acontecimentos. (FOUCAULT apud CHARTIER, 1996, p. 21).

As mudanças na história são, assim, trançadas em nosso dia-a-dia de modos não detectáveis no momento mesmo de sua ocorrência, mas em lances que não prevemos, nem dos quais nos damos conta no momento em que se dão e onde se dão, mas que vão “acontecendo”. Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro.

Veiga (2003) apresenta que atualmente ao contrário de tempos atrás o entendimento de hoje sobre o que seja *cultura*, sobre o que seja *educação* e sobre as relações entre ambos se encontram no centro de tais embates. Assiste-se atualmente a um crescente interesse pelas questões culturais, nas esferas acadêmicas, políticas ou da vida cotidiana. Em qualquer caso, parece crescer a centralidade da cultura para pensar o mundo. Essas são questões da mais alta relevância, tanto no campo acadêmico quanto no campo mais, digamos, “concreto” de nossas práticas sociais.

O objetivo do autor não é propor soluções, nem fazer prescrições, nem tampouco julgar. É apenas tecer algumas considerações de ordem histórico-genealógica, de modo a mostrar o atrelamento da Pedagogia e da escola moderna à invenção do conceito de Cultura, e o quanto isso pode funcionar como um obstáculo para as transformações educacionais e sociais que hoje pensamos ser necessárias. Durante três séculos as discussões sobre cultura e educação foram superficiais. A educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura. Desde que no século XVIII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de *Kultur* a sua própria contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos.

A concepção de Kant para a educação mostra a seguinte ideia:

O homem deve ser disciplinado. Tornar-se culto, abranger a instrução e vários conhecimentos. A educação deve também cuidar que o homem se torne prudente. A essa espécie de cultura pertence o que se chama propriamente civilidade [...]. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos. (KANT apud VEIGA, 2003, p. 5).

Kant estabeleceu um contraponto entre Cultura e civilidade. Cultura era entendida como um conjunto de produções e representações que eram da ordem dos saberes, da sensibilidade e do espírito. A cultura seria um apanágio dos homens e das sociedades superiores.

Nos anos 20 do séc. XX começou o divisor no conceito moderno de

cultura e posteriormente o pensar em culturas plural. Na modernidade apareceu um grupo de defensores do monoculturalismo, os defensores dessa epistemologia argumentam que é preciso procurar além das aparências imediatas. Seria preciso ir mais fundo para encontrar a lógica única e o repertório comum de princípios, códigos, valores etc., comuns a todas as culturas e, por isso, partilhados por todas elas.

E se não houvesse um denominador comum a todas as culturas – ou seja, pelo menos uma propriedade ou princípio transcendente que funcionasse da mesma maneira em toda e qualquer cultura –, então não haveria como uma cultura se comunicar com as demais. Nem haveria como diferenciar uma cultura de todas as outras. Assim, não haveria nem mesmo como saber que estamos diante de uma cultura.

A pedagogia multicultural, que pretende estabelecer relações com várias culturas em seu fazer didático-pedagógico, não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele.

O papel da Pedagogia se amplia muito, na medida em que ela pode se tornar o principal campo em que se dará a conversação permanente e infinita, sempre mutante, sobre o que fizemos, o que estamos fazendo e o que poderemos fazer de nós mesmos.

Considerações finais

Podemos viver os nossos padrões culturais como uma dentre outras possibilidades, abrindo-nos para a aventura do encontro com a alteridade. É sob esta perspectiva que a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros, com o objetivo de procurar estabelecer trocas enriquecedoras. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas, sobretudo, na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos.

No espaço escolar precisamos estar atentos para acolher o que os alunos nos dizem, para compreender os sentidos que suas ações e posições assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais. Se adotarmos uma imagem universal de criança e de infância esta imagem será produtora da desconexão do saber escolar dos fatos e acontecimentos que envolvem as suas vidas, a cultura presente no cotidiano. E sendo universalizante e homogeneizante, tal imagem assumida não seria também responsável pela desconsideração das diferenças, que dificulta o reconhecimento e a comunicação entre as culturas escolares e as culturas vividas? Pensamos que sim.

É possível compreender que “as pessoas se educam em relação,

mediatizadas pelo mundo, ao mesmo tempo em que seus respectivos mundos culturais e sociais se transformam, mediatizados pelas próprias pessoas em relação” (FREIRE, 1987). Faz-se necessário ressignificar a concepção de *educador* numa sociedade dinâmica. Se o processo educativo consiste na criação e desenvolvimento de *contextos* educativos, e não simplesmente na transmissão e assimilação *disciplinar* de informações especializadas, ao educador compete à tarefa de propor estímulos que ativem as diferenças entre os sujeitos e entre seus contextos (histórias, culturas, organizações sociais) para desencadear a elaboração e circulação de informações das diferenças e das transformações que se articulem em diferentes níveis de organização seja em âmbito subjetivo, intersubjetivo, coletivo, seja em níveis lógicos diferentes.

Educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere num processo educativo e interage com outros sujeitos, dedicando atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos principalmente à percepção, significado e direção que os sujeitos em relação constroem e reconstróem.

O desafio está posto envolver a criança e o jovem para conhecer o mundo fascinante das múltiplas expressões da cultura na sociedade por meio da escola e do encaminhamento do professor, de forma interdisciplinar.

Notas

* Maria Neusa Gomes de Souza é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Profa. do curso de História no CPCX/UFMS. E-mail: mnggs@hotmail.com

** Jucimara Rojas é professora da Pós-Graduação em Educação, Linha de pesquisa em Educação, Psicologia e Prática docente da UFMS. Coord. do Grupo de estudos e pesquisa FLLIPE. E-mail: jjrojas@terra.com.br

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares introdução à antropologia da supermodernidade**, São Paulo: Papirus, 1994.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar In. **Revista Brasileira de Educação**, no. 23, 2003.

BENJANIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Sumus, 1984.

BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo, Companhia das letras, 1990.

- BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época).
- COSTA, Marisa.; SILVEIRA, Rosa.; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, No. 23, 2003
- CASTRO, Lucia. (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura Plural**. Campinas, Papirus, 1995.
- _____. **A invenção do cotidiano**; artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro/Lisboa. Bertrand/Brasil/Difel, 1990.
- _____. **Escribir las prácticas**; Marin. Buenos Aires: Manancial. 1996.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13^a. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ELIAS, Norbert. Da sociogênese dos conceitos de civilização e cultura. In: **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- FAZENDA. Ivani. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus, 1995.
- _____. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. In **Revista Brasileira de Educação** no. 31
- FREIRE, Paulo., **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GUSDORF, Gerhard. **La vertu de la force**. Paris: PUF, 1967.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 1997.
- HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LYOTARD, Jean. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
- MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ORTIZ. Renato. As ciências sociais e a cultura. **Tempo Social**; Rev. Sociologia USP, São Paulo no. 14(1): 19-32, maio de 2002.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de, (2002). **Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/alessandrarottaoliveirat07.rtf>>. Acesso em: 10 Dez. 2009.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Ed.UNB, 2003.

ROJAS, Jucimara. **Interdisciplinaridade na ação didática:** momento de arte/magia do ser professor. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1998.

_____. **Momentos de Ludicidade Construtiva nas Práticas Pedagógicas portuguesas.** Editora Universidade de Aveiro-Portugal, 2004. CD-ROM

STRAUSS, Levi. **Tristes trópicos.** Paris: Ed. Plon, 1955.

VEIGA NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, No. 23, 2003

Recebido em: maio de 2010.

Aprovado em: março de 2011.